



FILOSOFIA: CRÍTICA À METAFÍSICA

PHILOSOPHY: CRITICISM TO METAPHYSICS

Por: Emanuel Isaque Cordeiro da Silva¹ - UFRPE
Alana Thaís Mayza da Silva² - CAP-UFPE

RESUMO:

A Metafísica (do grego: Μεταφυσική) é uma área inerente à Filosofia, dito isto, é uma esfera que compreende o mundo e os seres humanos sob uma fundamentação suprassensível da realidade, bem como goza de fundamentação ontológica e teológica para explicação dos dilemas do nosso mundo. Logo, não goza da experiência e explicação científica com base na matemática, ciências, observação, análise, etc. e sim da explicação apenas teórica sem a análise empírica. Por fim, filósofos de divergentes escolas e eras da história da filosofia fundamentaram suas críticas quanto a Metafísica; e este breve trabalho tem como objetivo analisar as críticas dos filósofos e trazer uma conclusão clara e objetiva para os leitores, sejam leigos ou não.

Palavras-chave: Metafísica. Crítica. Teoria. Suprassensível. Empírico. Experiência.

¹ Tecnólogo em Agropecuária pelo IFPE-BJ. Normalista pela EEFC-BJ. Bacharelado em Zootecnia pela UFRPE. Pesquisador assíduo de temas com cunho filosófico, político, social e zootécnico. Tem interesses na área de Ciências Humanas (Filosofia e Educação) e de Ciências Sociais (Ciência Política e Sociologia). Autor titular de artigos acadêmicos e com finalidade educacional do portal 'Webartigos.com'. Autor de artigos do portal Philpeople, a plataforma dos filósofos de todos os países, na plataforma representa a USP. E-mails: eisaque335@gmail.com e eics@discente.ifpe.edu.br. WhatsApp: (82)9.8143-8399.

² Possui Ensino Fundamental completo. Atualmente é discente do Ensino Médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, atuando como projetista e representante de turma. Bolsista do CE da UFPE. Cursa Especialização em História Geral e do Brasil na Unicap. Possui aperfeiçoamento em língua Inglesa pelo Colégio Adventista de Belo Jardim. Possui aperfeiçoamento em Agricultura, com ênfase na Cultura do Maracujá pelo Instituto Agrônomo de Pernambuco. Pesquisadora de assuntos com cunho filosófico e social juntamente com Emanuel Isaque, supracitado. E-mail: AlanaTMdaS@outlook.com. WhatsApp: (81)9.8294-8638.



ABSTRACT³

Metaphysics is an area inherent to philosophy, that is, it is a sphere that comprises the world and human beings under a supersensitive foundation of reality, as well as enjoying ontological and theological foundations for explaining the dilemmas of our world. Therefore, it does not enjoy the scientific experience and explanation based on mathematics, science, observation, analysis, etc., but only the theoretical explanation without empirical analysis. Finally, philosophers from divergent schools and eras in the history of philosophy based their criticism of Metaphysics, and this brief work aims to analyze the criticism of philosophers and bring a clear and objective conclusion to readers, whether lay or not.

Keywords: Metaphysics. Criticism. Theory. Supersensitive. Empirical. Experience.

INTRODUÇÃO⁴

Para uma fundamentação alicerçada na observação, análise e conclusões pragmáticas, é imprescindível aclarar o conceito de Metafísica como esfera inerente da Filosofia, bem como disciplina primordial para o currículo do Filósofo formado nas Universidades globais. Para isso, discorro acerca do conceito de Metafísica desde a alcunha aristotélica de '*Filosofia primeira*', passando à análise modernista, em especial à kantiana e seu criticismo (Crítica da Metafísica é a alma desse trabalho), sob análise de autores didáticos e, por fim, sob a elucidação da esfera Metafísica mediante os dicionários de Filosofia de Japiassú e Marcondes, e de Nicola Abbagnano.

No conjunto de obras aristotélicas intituladas de *Metafísica*, Aristóteles buscou elucidar '*o ser enquanto ser*', isto é, buscar a objetividade das coisas e do mundo mediante a subjetividade e a realidade suprassensível dessas coisas. Logo, a explicação dos fenômenos que cercavam a Grécia clássica eram explicados além do alicerce das Ciências tradicionais da época (Física, Química, Biologia, etc.). Todavia, para Aristóteles, a Metafísica consiste na '*ciência primeira*' no que se refere o fornecimento de um fundamento único para todas as demais

³ Por Alana Thaís Mayza da Silva, aperfeiçoada em língua inglesa pelo Colégio Adventista de Belo Jardim (2015-2017).

⁴ Por Alana Thaís Mayza da Silva, amparada pelos conceitos preliminares de filosofia, especialmente sob os conceitos de Aristóteles e no decorrer da história da filosofia, bem como sob as análises de livros didáticos, e sob os conceitos de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes e o *Dicionário Básico de Filosofia* (Zahar, 2001) e de Nicola Abbagnano e seu *Dicionário de Filosofia* (Martins Fontes, 2007).



ciências, ou seja, dar-lhes o objeto ao qual elas se referem e os princípios dos quais todas elas dependem. Por fim, a Metafísica implica ser uma *enciclopédia* das ciências um inventário completo e exaustivo de todas as ciências, em suas relações de coordenação e subordinação, nas tarefas e nos limites atribuídos a cada uma, de modo definitivo.⁵

Na modernidade, a Metafísica perde a centralidade do mundo da Filosofia, quem é o precursor de tal declínio é Immanuel Kant e seu criticismo. Tal descendência é elucidada e aclarada posteriormente no presente trabalho. A Metafísica moderna ganha uma nova interpretação, sendo alcunhada e levada por analogia à Ontologia, expressada, segundo Kant, como conceito de gnosiologia. Para Kant, Metafísica é a fonte inerente do estudo e explicação das formas alicerçadas na razão, bem como fundamento de toda realidade suprassensível que se deve basear para elucidar e aclarar o mundo moderno. Ainda segundo o filósofo, a Metafísica é a fonte de todos os princípios reais para a explicação da realidade.⁶ Sendo ela, por fim um '*sistema filosófico*' alicerçado sobre uma perspectiva ontológica, teológica e/ou suprassensível da realidade.⁷

No nosso finalismo, a inerência da Metafísica à filosofia transcende a explicação de todo o universo e sua totalidade (matéria e forma como alcunha Aristóteles). Logo, na Filosofia Clássica com Platão e, especialmente em Aristóteles, o Mito passou a ser ciência e essa ciência era determinada de Metafísica. Vale salientar que a alcunha 'Metafísica' foi, primeiramente, usada por Andrônico de Rodes⁸. Por fim, a Metafísica primordial para fundamentar as explicações necessárias para os fenômenos que se decorreram na Grécia antiga, foi perdendo centralidade ao passo da história da filosofia e, na modernidade, com Hume e Kant passa por uma grande crise, discorrida agora no trabalho.

⁵ In. ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5ª. ed. Trad. Ivone Castillo Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 661.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Conceito dado por extensão na plataforma Google.

⁸ Andrônico de Rodes (Século I a.C.) foi o principal organizador das obras de Aristóteles, e alcunhou a 'ciência primeira' de Metafísica.



DA CRÍTICA À METAFÍSICA⁹

Platão criou um sistema metafísico de explicação da realidade e do mundo que influenciou muitos pensadores e religiosos. Boa parte da história da filosofia foi composta de sistemas metafísicos. Mas, se, por um lado, o pensamento metafísico tem uma vida longa e profícua, por outro, é alvo de críticas constantes, principalmente por filósofos modernos e contemporâneos, que questionam a validade das teses metafísicas, seja porque tratam de coisas que não podem ser conhecidas, como alma, Deus e formas inteligíveis, seja porque suas conclusões são consideradas enganosas.

ARISTÓTELES E A FILOSOFIA PRIMEIRA

As *ciências teóricas* ou *teoréticas* são aquelas que produzem um saber universal, válido em qualquer situação, e necessário, isto é, que não pode ser de outro modo. Essas ciências estão voltadas para a contemplação da verdade. O sábio que se dedica a elas encontra um fim em si mesmo, pois o resultado de sua investigação não gera nenhum objeto exterior, como uma construção ou uma escultura, mas beneficia sua própria alma. Elas estão organizadas em Metafísica, Matemática e Física, que inclui a Psicologia ou a ciência da alma. As principais obras teoréticas escritas por Aristóteles são *Física*, *De anima* e *Metafísica*.

Filosofia Primeira, que chegou até nós com o nome de Metafísica, também chamada muitas vezes por Aristóteles de Teologia (com a ressalva de que Teologia aqui não tem o sentido que é dado a ela contemporaneamente), é a expressão que designava a mais elevada das ciências teoréticas, diferenciando-se da chamada Filosofia Segunda, ou Física.

Aristóteles abre o Livro I da Metafísica com a célebre passagem:

Todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer: uma prova disso é o prazer das sensações, pois, fora até da sua utilidade, elas nos agradam por si mesmas e, mais que todas as outras, as visuais [...]. (ARISTÓTELES, 1969).¹⁰

A busca pelo conhecimento encontra-se na própria natureza humana, desde o nascimento, mesmo que se manifeste em seu grau mais rudimentar. Prova disso é o

⁹ Por Emanuel Isaque Cordeiro da Silva, pesquisador assíduo de temas filosóficos com ênfase em Filosofia Política, Ética, História da Filosofia, Filosofia da educação, Metafísica, Filosofia Moderna e Contemporânea. Aperfeiçoado em Filosofia pelo Instituto Federal de Pernambuco *Campus* Belo Jardim, sob a orientação honorífica de Dawson de Barros Monteiro (Mestre) e de Ricardo Evangelista Brandão (Doutor).

¹⁰ ARISTÓTELES. **Metafísica**. Porto Alegre: Globo, 1969. p. 211.



conhecimento por meio das sensações ou dos sentidos, entre os quais se destaca o da visão. É o chamado conhecimento por empiria ou saber empírico, que não pode ser ensinado porque é adquirido imediata e concretamente quando percebemos as coisas sensíveis. Também há um saber que vem da técnica. O técnico é aquele que tem o conhecimento dos meios para chegar a um fim.

Como ensina o historiador da Filosofia, Julián Marias, apesar de o saber técnico ser superior ao saber empírico, ambos são necessários em nossa vida:

1.1 Portanto, a *tékhnē* [técnica] é superior à *empeiria*; mas esta também é necessária, por exemplo, para curar, porque o médico não tem de curar o homem, e sim Sócrates, e o homem apenas de modo mediato. (MARIAS, J. 2015).¹¹

O conhecimento metafísico é menos necessário em nossa vida cotidiana, mas nenhum outro lhe é superior. A Metafísica é o conhecimento pelas causas e, como vimos, o conhecimento é científico quando ele nos dá os princípios e as causas das coisas.

Para Aristóteles, tudo o que existe é efeito de uma causa e ela é a responsável por esse algo ser necessariamente de um jeito e não de outro. De acordo com Aristóteles, conhecer algo é conhecer pela causa. Dessa forma, a explicação de algo ou o seu conhecimento deve sempre dizer por que algo é necessariamente de determinado modo. Sem esse tipo de explicação, não pode haver propriamente conhecimento. Daí se constata o caráter rigoroso da explicação científica: ela não apenas sabe que "algo é isto", mas é capaz de explicar por que algo é necessariamente isto.

A definição aristotélica de Metafísica

Chauí indaga em seu livro *Iniciação à Filosofia* a questão central do que Aristóteles entende por sua alcunha ou Metafísica. Chauí explana:

Embora Aristóteles admita que para cada tipo de Ser e suas essências existe uma ciência teórica própria (física, biologia, psicologia, matemática, astronomia), ele também defende a necessidade de uma ciência geral, mais ampla, mais universal, anterior a todas essas, cujo objeto não seja esse ou aquele tipo de Ser, essa ou aquela modalidade de essência, mas o Ser em geral, a essência em geral. Essa ciência, para Aristóteles, é a Filosofia Primeira ou metafísica, que investiga o que é a essência e aquilo que faz com que haja essências particulares diferenciadas, que estuda o Ser enquanto Ser. (CHAUÍ, 2010).¹²

¹¹ MARIAS, J. *História da filosofia*. Trad. Claudia Berliner. Paulo: Martins Fonte. p. 69.

¹² CHAUI, M. *Iniciação à Filosofia*. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2010. p. 86 (Manual do professor).



O objeto investigado pela Metafísica também é muito diferente do objeto conhecido pelo saber empírico ou pelo saber técnico.

O saber empírico nos faz conhecer as coisas particulares, como Sócrates, o Oráculo de Delfos e a caneta esferográfica; o saber técnico nos faz conhecer as diversas técnicas, como os procedimentos médicos e a engenharia de construir templos. O que o saber metafísico, então, nos permite conhecer? Segundo Aristóteles, a Metafísica estuda o ser enquanto ser. Não considera o ser de modo particular como fazem as demais ciências — por exemplo, ao investigar Sócrates, os procedimentos médicos etc. mas busca o que é universal, o que envolve tanto Sócrates quanto os procedimentos médicos, tanto o Oráculo de Delfos quanto a arte de construir templos.

Segundo Aristóteles, a Metafísica trata das causas primeiras, que são as quatro seguintes:

- a causa material, que é a matéria de que é feita alguma coisa. Em uma escultura, por exemplo, a causa material pode ser o bronze ou o mármore;
- a causa formal, que é a forma ou a essência das coisas. No exemplo da escultura, é a forma ou a aparência que possibilita que a reconheçamos como uma escultura (e não como um poste, por exemplo);
- a causa eficiente, que é o agente que produz a coisa. Uma escultura é produzida por um artista;
- a causa final, que é a razão ou a finalidade das coisas, A finalidade da escultura é o prazer estético.

A Metafísica também se ocupa da substância. A substância responde pelos significados do ser. Mas o que é a substância? Trata-se de uma questão complexa no pensamento aristotélico. Aristóteles recusa-se a entender a substância como sendo a forma platônica. Ela não é o suprassensível. Seria então a substância o sensível individual? As coisas são matéria e forma; a matéria é o substrato da coisa (por exemplo, o mármore é a matéria da estátua). Sem sua forma, ela é apenas potencialidade, mas sem a matéria qualquer realidade sensível se desvaneceria. Assim, a matéria pode ser dita substância em sentido impróprio. A forma, por seu turno, é aquilo que determina a matéria, é a sua essência; ela é substância em sentido próprio. Mas a matéria é



também matéria enformada. As coisas sensíveis são, a um só tempo, matéria e forma. E esse composto também pode ser legitimamente chamado de substância.

Aristóteles apresenta três gêneros de substâncias:

- as substâncias sensíveis, que nascem, morrem e, por isso, passam por todo tipo de mudança;
- as substâncias sensíveis e incorruptíveis, que não passam por nenhum tipo de mudança, como os planetas e as estrelas;
- a substância suprassensível, que é superior às outras duas: o Primeiro Motor Imóvel, o deus aristotélico, causa de todo movimento, mas sendo ele mesmo imóvel. (Ele precisa ser imóvel porque se ele também se movesse precisaria haver uma causa para esse movimento, o que levaria a uma espécie de regressão ao infinito).

Assim como o demiurgo de Platão, o deus aristotélico não é um deus criador. Não criou o Universo nem gerou o movimento dos corpos. Ao contrário, o deus de Aristóteles exerce uma atração sobre o Universo, motivando sua existência, e sobre os corpos, gerando seu movimento, ou seja, atrai tudo para si como objeto de amor. Não é, portanto, causa eficiente do mundo e do movimento do mundo, mas causa final. O deus aristotélico não cria o mundo do nada por um ato de vontade. Ele não é causa eficiente do mundo, como indicamos ser o artista causa eficiente de sua escultura.

A METAFÍSICA CLÁSSICA OU MODERNA

Grandes revoluções no pensamento do século XVII deram estopim à uma grande crise na esfera metafísica. De modo resumido a Metafísica sofreu uma grande transformação e uma nova elaboração, sem a fundamentação embasada no pensamento platônico, aristotélico ou neoplatônico. Sendo assim a nova metafísica é caracterizada por:

[...] afirmação da incompatibilidade entre fé e razão, acarretando a separação de ambas, de sorte que a religião e a filosofia possam seguir caminhos próprios, mesmo que a segunda não esteja publicamente autorizada a expor ideias que contradigam as verdades ou dogmas da fé [...]¹³

[...] redefinição do conceito de Ser ou substância. Os modernos conservam a definição tradicional da substância como o Ser que existe em si e por si mesmo, que subsiste em si e por si mesmo. Porém, em lugar de considerar que a

¹³ CHAUI, M. **Iniciação à Filosofia**. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2010. p. 202.



substância se define por gênero e espécie, havendo tantos tipos de substâncias quantos gêneros e espécies houver, passa-se a definir a substância levando em consideração seus predicados essenciais ou seus atributos essenciais, isto é, aquelas propriedades ou atributos sem os quais uma substância não é o que ela é.¹⁴

Após o supracitado, os cartesianos e Descartes dirão que há somente três substâncias essenciais, divergindo totalmente do pensamento aristotélico, as substâncias cartesianas são a Alma, a matéria dos corpos e Deus.¹⁵

Para empiristas, só se é possível conhecer a substância corpórea, logo não se é possível elaborar uma metafísica, e sim uma geometria ou uma física que se ocupa do estudo dessas matérias corpóreas.¹⁶

Baruch Spinoza (1632-1677) explanou a primordialidade de se elaborar uma definição genérica e universal, comumente aceita por toda a comunidade de filósofos de Aristóteles a modernidade. Podemos reduzir o conceito proposto da seguinte maneira: “substância é aquilo que existe em si e por si e não depende de outros para existir”. Logo, diz Espinosa, que há apenas uma substância no Universo que não depende de outra para existir, tal substância é o próprio Deus ou a natureza.¹⁷

Nessa revolução do pensamento filosófico, em peculiar à metafísica, houve também a redefinição do conceito de causa e causalidade. Em Aristóteles haviam quatro tipos de causas, agora, na modernidade, se propunha apenas dois tipos: a *eficiente* e a *final*. Chauí explana que a *Causa eficiente* é aquela na qual uma ação anterior determina como consequência necessária a produção de um efeito, e que seu alcance é universal na natureza. *Causa final* é aquela que determina, para os seres pensantes, a escolha da realização ou não realização de uma ação, e que só opera na ação de Deus e nas ações humanas.¹⁸

Houve também, nessa revolução, uma quebra do paradigma metafísico, isto é, a metafísica não se dividia mais entre a teologia, a psicologia racional e a cosmologia racional. Agora, a metafísica ganha um novo rumo, um rumo próprio de estudo embasado em suas próprias fundamentações.

¹⁴ *Ibidem.*

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*



Logo, a metafísica se apropria de três e apenas três ideias de substância. A substância infinita, ou o próprio Deus. A substância pensante que é a consciência como faculdade de reflexão e de representação da realidade alicerçada na razão. E, por fim, a substância extensa que é a natureza embasada nos princípios e leis regidas pela matemática e a mecânica.¹⁹

DAVID HUME E A CRISE DA METAFÍSICA

O filósofo escocês David Hume (1711-1776) nos ajuda a entender em parte o teor das críticas ao pensamento metafísico.

"Se tomarmos em nossas mãos um volume qualquer, de teologia ou metafísica escolástica, por exemplo, façamos a pergunta: contém ele qualquer raciocínio abstrato referente a números e quantidades? Não. Contém qualquer raciocínio experimental referente a questões de fato e de existência? Não. Às chamamos com ele, então, pois não pode conter senão sofismas e ilusão." (HUME, 2004)²⁰

Hume critica a teologia e a metafísica escolástica, que foi a metafísica praticada principalmente nas escolas cristãs durante a Idade Média, porque suas concepções não tratam nem de conceitos matemáticos, que são formais e podem levar a conclusões seguras - por exemplo, " $2 + 2 = 4$ " -, nem de afirmações sobre fatos, que podem ser verificados empiricamente, isto é, pelos órgãos dos sentidos —como "a aceleração de um corpo em queda livre é de 9,8 metros por segundo", Assim, Hume aconselha o leitor a jogar as afirmações metafísicas na fogueira, pois são consideradas ilusões, fantasias ou produto de erros de raciocínio e nada têm a acrescentar ao conhecimento humano.

A partir de Hume, a metafísica, tal como existira desde os gregos, tornara-se impossível.²¹

O CRITICISMO KANTIANO E O FIM DA METAFÍSICA CLÁSSICA

Entre a *Dissertação de 1770* e a *Crítica da razão pura*, mais de dez anos se passaram. Apesar de a obra ser volumosa, a redação da *Crítica da razão pura* não chegou a cinco meses de trabalho. De início, Kant pretendia apenas revisar sua dissertação, mas o trabalho acabou por levá-lo a figurar entre os grandes nomes do pensamento filosófico, como Aristóteles e Descartes.

¹⁹ *Ibid.* p. 203.

²⁰ HUME, D. *Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral*. São Paulo: Editora Unesp, 2004. p. 222.

²¹ CHAUI, M. *op. cit.* p. 205.



Kant fez um diagnóstico bastante negativo da situação da Filosofia de sua época, em particular da Metafísica, que, embora fosse considerada a Filosofia Primeira, patinava em questões impossíveis de serem resolvidas. Ao mesmo tempo, buscou inserir a Filosofia no rumo seguido pelas Ciências Naturais, pela Lógica e pela Matemática, que já tinham encontrado o caminho da Ciência.

Em alguns pontos, o projeto kantiano se aproximou de algumas características do projeto cartesiano. Descartes duvidou de todo o saber conhecido, pois queria encontrar um fundamento seguro que sustentasse a edificação da Filosofia e, mais particularmente, da Ciência. Diferentemente de Descartes, contudo, Kant não duvidou de todo o conhecimento que havia aprendido. Para ele, bastava estabelecer os limites do conhecimento racional, ou seja, o que a razão podia conhecer e o que era impossível de ser conhecido.

No fim do século XVIII, de acordo com a proposta de Wolff, a Metafísica era dividida em duas partes: Metafísica geral e Metafísica especial. A primeira tratava da Ontologia (ciência do ser enquanto ser, como definido por Aristóteles), e a segunda se ocupava do ser humano (Psicologia), do mundo (Cosmologia) e de Deus (Teologia racional). Os principais temas investigados eram a imortalidade da alma, a liberdade a finitude ou infinitude do mundo e a existência de Deus.

No entanto, de acordo com Kant, as questões metafísicas clássicas extrapolavam as capacidades de conhecimento do ser humano, pois estavam tão afastadas da experiência que a razão só podia pensá-las, sem conhecê-las realmente. As questões postas pela Metafísica clássica extrapolavam o terreno de qualquer experiência possível e, no entanto, a razão, por sua própria natureza, apresenta questões que não pode evitar, mas que também não pode responder por não terem nenhuma pedra de toque na experiência. Disso decorre a pergunta fundamental sobre a possibilidade de haver um conhecimento metafísico.

Publicada em 1781, a *Crítica da razão pura* foi uma tentativa de responder a essa pergunta. A obra instituiu um "tribunal da razão" para examinar a própria razão, e não para tomar partido no conflito entre racionalistas, como Descartes e Leibniz, que elaboraram sistemas metafísicos, e empiristas, como Locke e Hume, que basearam o conhecimento unicamente nos sentidos. Criticar a razão é determinar as possibilidades, os limites e o alcance do próprio conhecimento. A transformação foi tão grande para a Filosofia que essa obra não pôde ser ignorada.



A situação da Metafísica

No texto a seguir, retirado do célebre prefácio à primeira edição de *Crítica da razão pura*, podemos ver o diagnóstico de Kant sobre a situação da Metafísica no período em que vivia.

A razão humana, num determinado domínio dos seus conhecimentos, possui o singular destino de se ver atormentada por questões, que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar resposta por ultrapassarem completamente as suas possibilidades.

Não é por culpa sua que cai nessa perplexidade. Parte de princípios, cujo uso é inevitável no decorrer da experiência e, ao mesmo tempo, suficientemente garantido por esta. Ajudada por estes princípios eleva-se cada vez mais alto (como de resto lho consente a natureza) para condições mais remotas. Porém, logo se apercebe de que, desta maneira, a sua tarefa há de ficar sempre inacabada, porque as questões nunca se esgotam; vê-se obrigada, por conseguinte, a refugiar-se em princípios, que ultrapassam todo o uso possível da experiência e, não obstante, estão ao abrigo de qualquer suspeita, pois o senso comum está de acordo com eles. Assim, a razão humana cai em obscuridades e contradições, que a autorizam a concluir dever ter-se apoiado em erros, ocultos algures, sem contudo os poder descobrir. Na verdade, os princípios de que se serve, uma vez que ultrapassam os limites de toda experiência, já não reconhecem nesta qualquer pedra de toque. O teatro destas disputas infundáveis chama-se Metafísica. (KANT, I. 2010).²²

O fim da Metafísica clássica

Podemos agora retomar o questionamento sobre os motivos pelos quais a física newtoniana é possível como ciência e entender também por que a metafísica racionalista tradicional não é conhecimento científico, segundo a teoria kantiana.

A física trata de regras e leis dos fenômenos, das representações conformadas pela sensibilidade e pelo entendimento, ou seja, refere-se a objetos do conhecimento humano. A metafísica clássica, por sua vez, trata de coisas que não fazem parte da experiência sensível. Deus e a alma, por exemplo, não são apreendidos pela sensibilidade, não são impressões conformadas ou fenômenos e, portanto, não podem ser conhecidos pelo ser humano. Ideias ou conceitos dessa espécie podem ser pensados pela razão, mas é impossível conhecê-los, pois estão além da capacidade humana de conhecimento. Por esse motivo, a física é possível como ciência e a metafísica tradicional não.

Com base nisso, Kant provocou uma revolução na teoria do conhecimento, que ele mesmo designou como "virada copernicana na filosofia", Se Copérnico mudou a forma de

²² KANT. I. *Crítica da razão pura*. Tradução: Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 7ª. ed Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010b. p. 3. (Grifo do autor).



entender o mundo ao defender a ideia de que o Sol está no centro do sistema solar, Kant mudou a forma de o ser humano compreender o mundo e a si próprio ao estabelecer a ideia de que o ser humano, e não os objetos externos, é o centro do conhecimento, O ser humano não é um agente passivo, que só recebe informações, mas atua decisivamente na constituição do conhecimento e do que se compreende como realidade.

Os elementos a priori que determinam essa constituição do conhecimento são o escopo da filosofia kantiana, também conhecida como transcendental.

Logo, o pensamento kantiano alterou profundamente a Metafísica. A existência de Deus ou a imortalidade da alma, por exemplo, passaram a ser questões que já não podiam ser respondidas. Se percebemos apenas as coisas que ocorrem em um tempo específico (antes, agora, depois), como seremos capazes de perceber algo que está na eternidade (Deus)? Como afirmar que a alma é imortal se não conseguimos percebê-la com os nossos sentidos? O conhecimento a partir de Kant, então, é sempre conhecimento de objetos, isto é, de conteúdos elaborados e modificados pelo sujeito que conhece. O conhecimento passou a se ocupar, assim, de fenômenos, e não mais da própria coisa, como pretendiam os metafísicos clássicos.

Com a crítica kantiana, tornou-se impossível conhecer efetivamente os temas da Metafísica clássica e emitir qualquer opinião segura sobre assuntos que não podem ser assentados na experiência. Podemos pensar sobre Deus, podemos querer que nossa alma seja imortal, mas jamais teremos a possibilidade de verificar esses assuntos em nossa experiência ou mesmo ter sobre eles verdadeiro conhecimento. Nada nos impede de acreditar em Deus ou na imortalidade da alma, porém não podemos exigir que a Filosofia se pronuncie a respeito desses temas. Na verdade, a crítica kantiana não diz que Deus existe nem que não existe, mas apenas que não é capaz de saber Deus, não obstante sua importância para a Filosofia do próprio Kant, é uma questão de fé.

AUGUSTE COMTE E A METAFÍSICA NO SÉCULO XIX

O filósofo francês Auguste Comte (1798-1857), considerado o pai do positivismo, fundamenta sua filosofia também em oposição às concepções metafísicas. Em seu entendimento, a busca por princípios gerais ou essências, entidades que estão além do que podemos observar ou perceber pelos órgãos dos sentidos, é algo infrutífero.

Comte explana:



"[...] não é supérfluo assinalar agora, de modo direto, a preponderância contínua da observação sobre a imaginação, como o principal caráter lógico da sã filosofia moderna, dirigindo nossas pesquisas, não para causas essenciais, mas para leis efetivas, dos diversos fenômenos naturais. Sem ser doravante imediatamente contestado, permanece este princípio fundamental muitas vezes desconhecido nos trabalhos especiais.

Embora as diferentes ordens de especulações concedam, sem dúvida, à imaginação uma alta participação, isto é, constan temente empregada para criar ou aperfeiçoar os meios da vinculação entre os fatos constatados, mas o ponto de partida e a sua direção não lhe poderiam pertencer em nenhum caso. Ainda quando procedemos verdadeiramente a priori, é claro que as considerações gerais que nos guiam foram inicialmente fundadas, quer na ciência correspondente, quer em outra, na simples observação, única fonte de sua realidade e também de sua fecundidade. Ver para prever: tal é o caráter permanente da verdadeira ciência. Tudo prever sem ter nada visto constitui somente uma absurda utopia metafísica, ainda muito seguida." (COMTE, 1978).²³

A observação é considerada a única fonte de realidade. Abandonando a observação e apoiando-se única e exclusivamente na imaginação, como seria característico das especulações metafísicas, o pensamento pode levar não para o conhecimento das coisas, mas para a fantasia. A ciência, então, deve ter como base as coisas que podem ser observadas. Todas as especulações e as teorias científicas, em última instância, devem ter como fundamento a realidade observável.

LUDWIG WITTGENSTEIN E A METAFÍSICA CONTEMPORÂNEA

O filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951) também se opõe às afirmações metafísicas por considerar que estas tratam de problemas (ou pseudoproblemas) que não podem ser formulados claramente e, portanto, não podem ser respondidos.

“O método correto da filosofia seria o seguinte: só dizer o que pode ser dito, ou seja, as proposições das ciências naturais [...] e depois, quando alguém quisesse dizer algo metafísico, mostrar-lhe que nas suas proposições existem sinais aos quais não foi dada uma denotação.” (WITTGENSTEIN, 1995).²⁴

Quer dizer, as sentenças ou os termos metafísicos se referem a coisas, objetos ou seres enigmáticos ou misteriosos, que não podem ser tratados com clareza, isto é, não se sabe exatamente o que são, o que impossibilitaria a formulação de problemas e soluções reais. "Deus", "alma" ou "vida após a morte", por exemplo, são termos que se referem especificamente a quê? Os "problemas" metafísicos estariam no campo do mistério e não no da investigação racional. Por isso, como afirma Wittgenstein, "acerca daquilo de que se não pode falar, tem que se ficar em silêncio".

²³ COMTE, Auguste. Curso de filosofia positiva. In: FERNANDES, F.; FILHO, E. de M. **Comte**: sociologia. São Paulo: Ática, 1978. p. 79. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

²⁴ WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico**. 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. p. 141-142.



CONCLUSÃO (ÕES)²⁵

Ora, a Metafísica na Grécia antiga foi imprescindível para o entendimento dos mais variados dilemas do mundo antigo, sejam perguntas simples, ou complexas. Iniciada como um sistema filosófico platônico, passando a ser *filosofia primeira* em Aristóteles, a metafísica incorporou elementos teológicos, psicológicos e cosmológicos durante o mundo antigo, e ainda mais durante o período medieval e a hegemônica Igreja Católica.

No mundo moderno e embasado pelo “Luz da razão”, a metafísica começa a ser refutada pelos pensadores da época em questão, dentre eles o célebre cético Hume, e o emblemático Kant, além de Descartes e seus cartesianistas.

Kant e seu criticismo incorporaram à Metafísica uma nova interpretação, esta que fez a mesma entrar em declínio e sair da centralidade do mundo filosófico. Kant, graças às indagações e refutações de Hume, pôde acordar do célebre “sono dogmático”. O que fez Kant se importa com a Metafísica. Kant trouxe à luz o fim da Metafísica clássica e deu legado ao início da metafísica contemporânea alcunhada de *Ontologia*.

No decorrer da história da filosofia, a Metafísica teve intensa ascensão e vertiginosos declives, sendo seu maior declive o crítico Kant.

Por fim, muitos filósofos se apropriaram de ser heterodoxos e enfrentaram de frente o mundo metafísica e a base do catolicismo sobre a realidade. Posta realidade que hoje, com o legado de Kant, da fenomenologia de Husserl, etc., originaram a nova escola filosófica chamada de *Ontologia*.

²⁵ Por Alana Thaís Mayza da Silva, debruçada e alicerçada pelo supra texto de Emanuel Isaque.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 5ª. ed. Trad. Ivone Castillo Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 5ª. ed. São Paulo: Moderna, 2013.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Trad. L. Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

BELO, R. dos S. **Filosofia**. Vol. Único. 2ª. ed. São Paulo: FTD, 2016. (Coleção Filosofia).

BENOIT, L. O. **Augusto Comte**: fundador da física social. 1ª. ed. São Paulo: Moderna, 2002.

CHAUÍ, M. **Iniciação à Filosofia**. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2010.

COMTE, A. **Curso de filosofia positiva**. In: FERNANDES, F.; FILHO, E. de M. *Comte*: sociologia. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

COTRIM, G.; FERNANDES, M. **Fundamentos de filosofia**. 2ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

FERREIRO, H. **Siete ensayos sobre la muerte de la Metafísica**: Una introducción al idealismo absoluto a partir de la ontología. 1ª. ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

FIGUEIREDO, V. de. (Org.); *et. al.* **Filosofia: Temas e Percursos**. Vol. Único. 2ª. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2016.

FILHO, J. S. **Filosofia e filosofias**: existência e sentidos. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HUME, D. **Investigações sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **Tratado da natureza humana**: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais. São Paulo: Unesp, 2001.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, 1989. [Textos filosóficos].

_____. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).

MARIAS, J. **História da filosofia**. 2ª. ed. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2015.



φιλοσοφία

Emanuel Isaque Cordeiro da Silva
E-mail: eisaque335@gmail.com
WhatsApp: (82)9.8143-8399

MELANI, R. **Diálogo**: primeiros estudos em filosofia. Vol. Único. 2ª. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

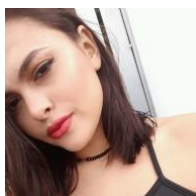
OTERO, J. G. **Compendio de filosofía**: para uso de los jóvenes estudiosos. 1ª. ed. Bogotá: Imprensa de San Bernardo, 1919.

SILVA, F. L. e. **Descartes, a metafísica da modernidade**. 1ª. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

WITTGENSTEIN, L. **Tratado lógico-filosófico**. 2ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995.



Emanuel Isaque Cordeiro da Silva – estudante, pesquisador, professor, agropecuarista, altruísta e defensor dos direitos humanos e dos animais.



Alana Thaís Mayza da Silva – estudante, potterhead, pesquisadora, projetista, musicista, filantropa, defensora dos direitos humanos e dos animais, LGBT.